

**O desenvolvimento da 'razão instrumental'
ou 'agir racional com relação a fins'
no Fausto de Goethe**

EDVALDO CARVALHO ALVES

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de São Carlos -UFSCAR*

INTRODUÇÃO

*"Poder aufero, posse, alto conteúdo!
Nada é a fama; a ação é tudo"*

Fausto

A história do Dr. Fausto vem sendo contada e recontada ao longo dos quase quatro séculos que nos separam de sua primeira publicação através do teatro, do cinema, dos livros, das conversas do cotidiano e etc. Neste período de tempo, Fausto tornou-se o símbolo do excesso, da insatisfação e do inconformismo humano diante de sua "submissão" frente à magnitude das forças da natureza. O Homem faustiano é aquele que busca uma vida ativa, cheia de aventuras e possibilidades, vida esta que, por outro lado, tem como consequência um elevado custo humano. Podemos dizer que Fausto representa o protótipo do homem moderno e de sua sociedade que, como bem ressaltou Marshall Berman, é um ambiente que *"promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos"* (Berman, 1986: 15).

É do seio da sociedade feudal em decomposição, que tinha como sustentáculo os valores da tradição, da linhagem e do sangue e que reprimia toda e qualquer iniciativa individual e coletiva de desenvolvimento, que Fausto surgirá, se levantará e empreenderá toda sua ação no sentido de destruí-la e, em seu lugar, instaurar a moderna sociedade burguesa capitalista, centrada num tipo de percepção e atitude em relação a natureza totalmente diferente da que existia no mundo feudal ^[1]. Esta nova forma de percepção e atitude em relação à natureza foi denominada por alguns pensadores de *"razão instrumental"* ou *"ação racional com relação a fins"*, isto é, procedimentos lógicos-rationais que buscam fins práticos e concretos em detrimento do lado sensível, emotivo, estético e contemplativo do ser humano.

Nosso objetivo neste trabalho é fazer uma relação desse tipo de agir, eminentemente moderno, com as ações empreendidas por Fausto, principalmente na segunda parte do romance, momento em que este personagem assume em definitivo a figura do *"fomentador"*^[2], aquele que consegue efetuar a síntese entre pensamento e ação que caracteriza a "razão instrumental" ou "agir racional com relação a fins". Para tanto, o dividimos em dois itens: no primeiro descrevemos o conceito de "razão instrumental" ou "agir racional com relação a fins" tal qual formulado por Max Weber, Adorno e Habermas; e no segundo relacionamos este conceito com algumas passagens do Fausto de Goethe, ressaltando este tipo de agir nestas passagens.

A 'RAZÃO INSTRUMENTAL' OU 'AGIR RACIONAL COM RELAÇÃO A FINS'

Max Weber foi o primeiro a relacionar o surgimento da modernidade com a predominância de um tipo específico de ação, denominada "*ação racional com relação a fins*"^[3]. Do ponto de vista deste autor, as ações humanas (objeto da sociologia, cuja função é compreender o seu sentido) seriam condicionadas por quatro modos específicos de procedimentos: 1) modo racional com relação a fins; 2) modo racional com relação a valores; 3) modo afetivo especialmente emocional; e 3) modo tradicional. Cada modo de procedimento configuraria um sentido específico para a ação humana que, para este autor, é uma ação ontologicamente social. Entretanto, nenhuma ação humana, para Weber, pode ser considerada movida unicamente por um sentido, isto é, os diversos modos de procedimentos se interrelacionam para gerar uma ação. Porém um modo específico é predominante sobre os demais e será a ele que atribuiremos o condicionamento da ação. "*Só muito raramente a ação, e particularmente a ação social, orienta-se exclusivamente de uma ou de outra destas maneiras*" (Weber, 1994: 16).

Uma pessoa age de forma "racional com relação a fins" na perspectiva weberiana quando esta,

"(...) orienta sua ação pelos fins, meios e consequências secundárias, ponderando racionalmente tanto os meios em relação às consequências secundárias, assim como os diferentes fins possíveis entre si: isto é, quem não age nem de modo afetivo (e particularmente não-emocional) nem de modo tradicional." (Weber, 1994: 16)

Este tipo de comportamento estaria, segundo Weber, se alastrando por todas as esferas da sociedade e gerando o que ele denominou de "*desencantamento do mundo*" (*Aufklärung*), ou seja, a extrema racionalização de todas as atividades e comportamentos humanos. Esta racionalização, além de trazer para o Homem uma autonomia relativa diante das forças da natureza dotando-o de maior poder e domínio sobre esta, estaria também escravizando-o dentro de uma verdadeira "*jaula de ferro*" de procedimentos e condutas racionalmente condicionadas, reprimindo, portando, a sensibilidade, a afetividade, a emotividade e as demais formas sensíveis de conduta humana. Com efeito, este processo estaria gerando aquele tipo de seres humanos a que Weber classificou como "*especialistas sem espírito e sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado*" (Weber, 1996:131)^[4].

A exemplo de Weber, Habermas também buscou desvendar as origens e as principais características da forma de procedimento que caracteriza a modernidade, a ação "*racional com relação a fins*" ou "*razão instrumental*". Entretanto, ao contrário de Weber que guardava um extremo pessimismo em relação ao futuro da humanidade, Habermas é o último arauto do projeto iluminista, que tinha no crescente desenvolvimento da razão e na crença no progresso as bases para a emancipação humana. Contudo, isto não o impossibilitou de efetuar uma profunda crítica à perspectiva de universalização do "*agir racional com relação a fins*".

Apoiando-se numa série de palestras^[5] proferidas por Hegel no período em que este autor lecionou em Jena, Habermas constrói a base de sua teoria da ação comunicativa, que se assenta numa diferenciação entre **trabalho** e **interação**. Segundo este autor, durante o processo de desenvolvimento humano, no qual estão presentes tanto o **trabalho** como a **interação** que são elementos centrais deste processo de autoformação do seres humanos e de criação de sua cultura, teria havido um atrofiamento de um tipo de ação - "*ação comunicativa*" - que se baseava na interação^[6]. Este atrofiamento teria sido ocasionado pela progressiva ampliação da "*ação racional com relação a fins*" ou "*razão instrumental*" lastreada não na **interação**, mas no **trabalho** que pressupõe uma relação de dominação e escravização da natureza.

Esse colapso da interação no interior do trabalho na interpretação que Giddens efetua sobre Habermas significou que

"o conhecimento da exploração instrumental ou técnica – o tipo de conhecimento que usamos para tentar controlar o mundo material – acabou por ser visto como característico das ciências sociais e naturais. Todos os problemas sociais, então, acabaram sendo vistos como problemas "técnicos". A razão técnica parecia exaurir as capacidades humanas como um todo." (Giddens, 1998: 300)

No entanto, para Habermas, esse processo de amplificação e universalização da "razão instrumental", e o conseqüente atrofiamento de uma perspectiva comunicacional, poderá ser superado por meio da criação de novos espaços públicos de discussão – nova esfera pública - onde as pessoas possam se encontrar e discutir sobre assuntos e interesses comuns. Entretanto, este autor não mostra como atuar no sentido da construção desta nova esfera^[7].

Os dois principais expoentes da chamada *Escola de Frankfurt*, Adorno e Horkheimer, nos revelam o que poderíamos designar como a origem da "ação racional com relação a fins" ou "razão instrumental" num texto brilhante intitulado **O Conceito de Esclarecimento**. Neste texto, estes dois autores, por meio de uma análise da estória de Ulisses, "esclarecem" a imbricação que existe entre o pensamento racional e pensamento mítico.

Ulisses, para completar sua grande aventura e retornar aos braços de sua amada, teria que passar pela mais árdua de todas as provações: resistir ao canto sedutor das sereias - nenhum ser humano havia conseguido realizar tal façanha. Mas Ulisses, utilizando-se de procedimentos racionais, ordena que a tripulação o acorrente ao mastro de sua embarcação e, em seguida, que todos tapem os ouvidos com cera para não serem seduzidos pela beleza sem igual do canto e assim possam continuar a executar suas tarefas e obrigações, enquanto ele (preso ao mastro do navio) pôde desfrutar do prazer indiscritível do canto das sereias sem correr o risco de colocar em xeque sua missão e sua própria vida. Entretanto, para conseguir experimentar este prazer e deleite - que é restrito e coagido pois o personagem não pode se entregar por inteiro ao "objeto" de seu desejo sob pena de uma dupla destruição, de sua missão e de sua vida - Ulisses tem que, além de senti-lo de forma incompleta, negá-lo a toda sua tripulação. Portanto, é um prazer e uma pseudo-realização extremamente individualista^[8].

Evidencia-se, assim, nesse pequeno trecho do mito de Ulisses, o que virá a ser denominado de "ação racional com relação a fins" ou "razão instrumental": a utilização do pensamento racional como meio para se conseguir com eficácia um fim previamente estabelecido.

A 'AÇÃO RACIONAL COM RELAÇÃO A FINS' OU 'RAZÃO INSTRUMENTAL' NO FAUSTO DE GOETHE

A versão goethiana da história do Dr. Fausto, como bem observou Marshall Berman, "supera todas as outras em riqueza e profundidade de perspectiva histórica, em imaginação moral, em inteligência política, em sensibilidade e percepção psicológica". Em síntese, ela "abre novos caminhos no emergente autoconhecimento moderno" que este mito sempre explorou^[9] (Berman, 1986: 40).

Goethe trabalhou na concepção do Fausto durante praticamente toda sua vida e só o considerou pronto e acabado um ano antes de sua morte, em 1831^[10]. Como podemos observar, Goethe trabalhou mais de sessenta anos na elaboração de seu Fausto e esse período foi um dos mais turbulentos e revolucionários da história da

humanidade. Tanto os personagens, como o próprio Goethe, viveram e sentiram com bastante intensidade os traumas e dramas desse momento que caracteriza a passagem para a era moderna. Muito da riqueza e da profundidade desta obra prima é oriunda desta relação e seu movimento total reproduz por inteiro o movimento mais amplo de toda a sociedade ocidental.

Tentar destacar um aspecto específico de uma obra tão rica e profunda é correr o risco de estar amputando e sacrificando muito de sua beleza e do que ela tem a dizer para nós - hoje denominados de "pós-modernos". Mas estamos cientes de que o aspecto que recortamos para efeito de análise neste trabalho é apenas uma pequena parte de um todo mais abrangente e que também é uma interpretação possível dentre muitas que podem ser feitas a respeito do tema. Como já nos referimos no início deste trabalho, buscaremos encontrar na segunda parte do romance/tragédia de Goethe um tipo específico de conduta ou ação cuja predominância em todas as esferas da vida social marca o mundo moderno: a *"ação racional com relação a fins"* ou *"razão instrumental"*.

Encontramos Fausto, no início da segunda parte do romance/tragédia, sentado no alto de uma montanha ao lado de seu parceiro Mefistófeles, olhando o vazio e contemplando a natureza. Ambos estão esgotados e deprimidos - Fausto sente um profundo remorso pela morte de Gretchem, a ponto de ter visões e enxergá-la como sendo um espectro de uma mulher divinal - pois, após todas as experiências, aventuras e viagens que haviam empreendido, nada tinham construído e se encontravam novamente no ponto onde haviam começado.

*"Aos pés mirando as mais profundas solidões
Piso meditativo as bordas destes cismos,
Abandonando a nuvem que tão suavemente
Por sobre a terra e mar a luz do sol me trouxe.
De mim se afasta aos poucos, sem que se desmanche
De sua massa efumada o rumo ao leste tende,
E segue-lhe assombrado o meu a rota.
Dividi-se em seu curso e ondeante, multiforme,
Adquiri um molde. - Sim! A vista não me engana! -
Em leito ensolarado e nível se reclina,
Gigântea, divinal figura de mulher,
Juno evocando nossa vista, Leda, Helena;
Flutua-me ante o olhar seu majestoso encanto
Desloca-se, ah! Informe e túrgida; no Oriente
Qual montanhês geleira ao longe jaz, e espelha,
Radiosa, a nobre evocação de horas efêmeras."*

Aos poucos, após este momento onírico e contemplativo, Fausto começa a mudar sua atitude, influenciado por Mefistófeles que não pára de aticar seu espírito aventureiro e empreendedor, a fim de colocá-lo novamente em movimento.

*"Mas insaciável como és, nada atica
Um teu desejo, uma cobiça"*

Após várias tentativas, Mefistófeles consegue atingir seu objetivo, qual seja o de despertar em Fausto uma nova razão para que ele volte a pôr em movimento sua vida: a transformação do mundo ao seu redor. Antes, Fausto tinha buscado apenas gozar os prazeres de uma vida ativa, procurando *"sentir na alma todas as alegrias e tristezas da humanidade"*; agora, ele utilizará o seu conhecimento e astúcia para a obtenção de fins práticos e objetivos, que tragam benefícios e melhorem as condições de vida dos homens^[11].

De uma visão contemplativa, na qual sentia e apreciava a natureza chegando ao ponto de ter visões oníricas com divinas mulheres se deslocando sobre as nuvens, Fausto passa a ficar enraivecido com todo potencial nela contido que não é utilizado para nenhum fim prático e argumenta:

*"Porque os homens têm que deixar as coisas serem como sempre têm sido ?
Não é já o momento de o Homem afirmar-se contra a arrogante tirania da
natureza,
De enfrentar as forças naturais em nome do livre espírito que protege todos os
direitos ?"*

E, observando o mar abaixo da montanha, continua, de forma ainda mais irritada:

*"É um absurdo que, despendendo todo esta energia,
O mar apenas se mova , para frente e para trás,
Interminavelmente, sem nada realizar."*

Fica visível, nesta passagem, que Fausto começa a adquirir um tipo de comportamento totalmente distinto com relação à natureza do que ele possuía na primeira parte do romance. Agora, a natureza, para ele, não é mais "objeto" de contemplação e deleite, que possui um sentido em si, uma vida própria independente do homem (animismo), mas sim um meio que precisa ser dominado, subjugado, escravizado como dirá Bacon, para que, assim, possa servir aos interesses, projetos e finalidades práticas, objetivas e eminentemente lucrativas dos homens.

Utilizando esta nova forma de percepção e de comportamento em relação ao mundo, que podemos designar como um comportamento racional com relação a fins ou "razão instrumental", Fausto vai conectar seus rumos pessoais com forças econômicas, políticas e sociais que dirigem o mundo: aprende a construir e destruir, expande o horizonte de seu ser, da vida privada para a pública, da intimidade para o ativismo, da comunhão para a organização; lança todos os seus poderes contra a natureza e a antiga organização social - a qual pretende destruir; luta para mudar não só a sua vida, mas a vida de todos. Enfim, ele funda uma nova sociedade e um novo homem para nela habitar, não considerando nada nem ninguém que se coloque em seu caminho e se torne um empecilho para consecução de seu projeto. Criará um mundo a imagem e semelhança de seus projetos e desejos, mas os custos humanos de tal empreitada serão muito altos:

*"Sacrifícios humanos sangram;
Gritos de horror iriam fender a noite"*

Fausto, nem mesmo perto de sua morte, após ter ordenado a Mefistófeles que se livrasse de um casal de velhinhos que estavam atrapalhando a execução de um de seus projetos, entenderá que toda construção, por mais benefícios que possa trazer, implica em destruição.

Aqui encontramos uma das principais característica que irá distinguir o mundo moderno de todos os períodos históricos anteriores: a necessidade de constante transformação das estruturas e instituições que o formam. E ninguém melhor que Marx definiu esta característica com maior clareza:

"O constante revolucionar da produção, a ininterrupta perturbação de todas as relações sociais, a interminável incerteza e agitação distinguem a época burguesa [a época moderna] de todas as épocas anteriores. Todas as relações fixas, imobilizadas, com sua aura de idéias e opiniões veneráveis, são descartadas; todas

as novas relações, recém formadas, se tornam obsoletas antes que se ossifiquem. Tudo que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente forçados a enfrentarem com sentidos mais sóbrios suas reais condições de vida e sua relação com os outros homens.” (Marx, 1998:11)

Toda criação e destruição, transformação e autotransformação, movimento e empreendimento em Fausto representam, na nossa compreensão, o modelo ideal típico das ações implementadas pela classe burguesa no sentido de destruir a antiga ordem social e, em seu lugar, instaurar o seu domínio político, econômico e ideológico, ou seja, a moderna sociedade capitalista, que tem no tipo de agir faustiano - agir racional com relação a fins - uma forma de ação que se pretende universal.

Portanto, tendo em vista a análise acima, podemos concluir que a mudança na atitude de Fausto em relação à natureza e conseqüentemente suas ações sobre esta na segunda parte do romance/tragédia, representam o tipo de ação denominada pelos autores aqui abordados como “ação racional com relação a fins” ou “razão instrumental”.

RERERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. (1986). **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BERMAN, Mashall. (1986). **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia. das Letras.
- CAPRA, Fritjof. (1988). **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix.
- FREITAG, Barbara. (1986). **A teoria crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. (1987). **Fausto**. Belo Horizonte: Itatiaia.
- GIDDENS, Anthony. (1998). *"Sobre trabalho e interação em Habermas"*. In: **Política, sociologia e teoria social**. São Paulo: Editora da UNESP.
- HABERMAS, Jürgen. (1984). **Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____. (1994). **Ciência e técnica como ideologia**. Lisboa: Edições 70.
- MARX, Karl. (1998). **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Contraponto.
- MATOS, Olgária. (1987). *"A melancolia de Ulisses: 'A dialética do iluminismo' e o Canto das Sereias"*. In: **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Cia. das Letras.
- ROUANET, Sérgio Paulo. (1987). **As razões do iluminismo**. São Paulo: Cia. das Letras.
- SHATTUCK, Roger. (1998). **O conhecimento proibido**. São Paulo: Cia. das Letras.
- WEBER, Max. (1994). **Economia e sociedade**. Brasília: Editora da UnB.
- _____. (1996). **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira.

NOTAS

- 1) A visão de mundo que predominou em toda a Idade Média foi uma visão orgânica, isto é, o mundo era visto como constituído de partes integrantes que se relacionavam entre si, no qual o homem era uma parte comum. Este conjunto era coordenado e comandado por Deus. Mesmo sendo a imagem e semelhança do criador, o homem não havia ainda internalizado os mandamentos judaicos-cristãos que lhe conferiam o poder e domínio sobre a natureza. A natureza, para o homem, era uma mãe nutriente, dadivosa e criadora, que possuía um sentido e um fim em si mesma e com a qual este deveria viver em harmonia e constante equilíbrio. Ver sobre isto Fritjof Capra (1988).
- 2) Utilizaremos neste trabalho a palavra *"fomentador"* com o sentido que Marshall Berman lhe atribui em seu livro **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**, no capítulo em que este autor associa a história de Fausto à tragédia do desenvolvimento.
- 3) Porém, não podemos esquecer que todos os clássicos das Ciências Sociais concentraram boa parte de seus esforços intelectuais na tentativa de desvendar as novas bases em que se apoiavam as relações sociais

modernas, principalmente seu caráter eminentemente mercantil.

4) Ver, sobre o processo de desencantamento do mundo, Weber (1996).

5) Estas palestras que Hegel proferiu em Jena, segundo Habermas, traçavam um sentido distinto para a obra deste autor que depois é abandonado. Ver o primeiro capítulo de **Ciência e técnica como ideologia** onde Habermas expõe esta tese.

6) A "*ação comunicativa*", segundo Habermas, pressupõe a interação do homem com a natureza e com os outros homens, constituindo-se, assim, não como uma forma de domínio do homem sobre a natureza e sobre os outros homens, mas numa forma de conduta que busca uma associação intersubjetiva entre os indivíduos.

Ver Habermas (1994).

7) Ver sobre isto Habermas (1984).

8) Uma excelente interpretação sobre a tese central da dialética do esclarecimento encontra-se em Olgária Matos (1987).

9) Há indícios históricos da existência real de um tal de George Faust, que viveu aproximadamente entre os anos de 1480 e 1540, figura de reputação duvidosa, natural de Knittlingem (Alemanha) e que teve uma vida errante e aventureira e uma morte provavelmente violenta.

10) Goethe nasceu no dia 28 de agosto de 1779 na "*cidade livre e imperial*" de Frankfurt am Main e faleceu no dia 21 de março de 1832 em Weimar.

11) Notemos que o objetivo de Fausto nesta segunda parte do romance/ tragédia é o mesmo do projeto iluminista, emancipar o homem por meio do controle e dominação cada vez maior das forças da natureza utilizando-se da ciência e tecnologia.